

Monotongação e ensino: quando a variação linguística chega à escrita¹

José Humberto dos S. SANTANA²

Islan Bispo de OLIVEIRA³

Mariléia Silva dos REIS⁴

Resumo: Este trabalho discute o modo como vem se manifestando o processo de monotongação na produção textual escrita de crianças que completam o ciclo da infância, designação atribuída aos três primeiros anos de escolarização voltados à alfabetização, bem como descreve, com base na Sociolinguística Quantitativa (GUY; ZILLES, 2007), o conjunto de fatores linguísticos - classes de palavras, tom da sílaba e contexto fonológico posterior - e extralinguísticos - faixa etária, escolaridade e sexo dos informantes - condicionantes da presença/apagamento dos ditongos decrescentes orais /ay/, /ey/ e /ow/ na escrita dos referidos sujeitos, nos anos finais da primeira etapa do Ensino Fundamental. A monotongação consiste no apagamento da semivogal dos referidos ditongos reduzindo o encontro vocálico à vogal. Esta descrição procura auxiliar o professor na mediação do processo de automonitoramento do aluno, no que diz respeito às diferenças entre a língua oral e a escrita. Adotaram-se, como *corpus* de análise, cinquenta textos escritos por alunos do terceiro, quarto e quinto anos de uma escola pública urbana do município de Itabaiana - SE. As ocorrências de ditongo e monotongo foram submetidas à ferramenta estatística GoldVarb X (SANKOFF et al, 2005). Os resultados alcançados evidenciam que a presença/apagamento das semivogais dos ditongos em estudo é condicionada pelos fatores extralinguísticos: faixa etária e escolaridade, e pelos fatores linguísticos: contexto fonológico posterior (tipo de consoante) e classes de palavras (não verbo).

Palavras-chave: monotongação na escrita; variação linguística; ensino de Língua Portuguesa.

Abstract: This paper discusses the mode how is manifesting the process of Monophthongization in textual writing production of children who complete the cycle of childhood, name assigned to the first three years of schooling for literacy. It too describes, based on Quantitative Sociolinguistic (GUY; ZILLES, 2007), the set of linguistic - classes of words, tone of the syllable and context later phonological - and extra linguistic factors - age group, educational level and sex of informants - constraints of presence/erasure of decreasing oral diphthongs /ey/, /ay/ and /ow/ in writing of such subjects in the final years of the first stage of basic education. The Monophthongization consists in glide deletion of these diphthongs, reducing the vowel-to-vowel meeting. This description seeks to assist the teacher in mediation student self-monitoring process with regard to differences between oral language and writing. If adopted such as corpus analysis fifty texts written by students from third, fourth and fifth years of an urban public school of the municipality of Itabaiana - SE. The occurrences of diphthong and monophthong were submitted to statistical

1 Trabalho apresentado na Sessão de Pôsteres: Sociolinguística e Dialectologia, na 25ª Jornada Nacional de Estudos Linguísticos do Nordeste (GELNE), realizada no período de 01 a 04 de outubro de 2014, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, campus de Natal - RN.

2 Graduando em Letras Português pela Universidade Federal de Sergipe - Campus Prof. Alberto Carvalho. Itabaiana-SE. Correio eletrônico: humbertosantana88@hotmail.com

3 Graduando em Letras Português pela Universidade Federal de Sergipe - Campus Prof. Alberto Carvalho. Itabaiana-SE. Correio eletrônico: islan43@hotmail.com

4 Doutora em Letras/Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis-SC. Correio eletrônico: prof.marileia@gmail.com

tool GoldVarb X (SANKOFF et al, 2005). The results achieved show that the presence/deletion of the glides / y / and / w / of the diphthongs in study is conditioned by extra linguistic factors: age group and education, and linguistic factors: phonological context later (type of consonant) and classes of words (no verb).

Keywords: monophthongization in writing; linguistic variation; teaching of the Portuguese language.

Introdução

O fenômeno da monotongação refere-se ao apagamento da semivogal de um ditongo decrescente reduzindo o encontro vocálico à vogal plena⁵. Na modalidade oral do português brasileiro, somente três dos 11 ditongos decrescentes orais são passíveis de sofrerem apagamento das semivogais: [aɪ], [eɪ] e [oʊ] (MENECHINI, 1983; CABREIRA, 1996; PAIVA, 1996; ARAÚJO, 2000). O apagamento da semivogal [ɪ] dos ditongos [aɪ] e [eɪ] consiste em um processo estável, visto que está sujeito a restrições estruturais fortes, isto é, a condicionamentos fonológicos precisos (MOLICA, 1998, p. 59). A supressão da semivogal [ʊ] do ditongo [oʊ], entretanto, já é considerada uma mudança implementada no português falado no Brasil, pois ocorre em todos os contextos fonéticos (CRISTOFOLINI, 2011, p. 206).

Neste artigo, analisa-se o modo como vem se manifestando o referido processo na produção textual escrita de crianças que completam o ciclo da infância, designação atribuída aos três primeiros anos de escolarização voltados à alfabetização, bem como descrevem-se os fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionam a recorrência do apagamento das semivogais /y/ e /w/ dos ditongos decrescentes orais /ay/, /ey/ e /ow/ na escrita dos referidos sujeitos, nos anos finais da primeira etapa do Ensino Fundamental de uma escola pública da região urbana de Itabaiana – SE.

A opção por este nível de escolaridade dá-se pelo fato de os três primeiros anos escolares serem marcados por uma escrita muito fiel aos traços de oralidade da língua: nesse estágio escolar, a variação linguística se mostra consideravelmente recorrente, nos mais variados contextos fonético-fonológicos e morfossintáticos, manifestos por supressões, modificações e acréscimos de fonemas. Acreditando que sempre há

5 Hartmann & Stork (1976); Crystal (1980); Paiva (1996); Trask (1996); Molica (1998); Silva (2004), Hora (2007); Seara (2008); Cristofolini (2011).

uma relação biunívoca entre fala e escrita, a criança transfere para seus primeiros escritos as variedades linguísticas (dialetos regionais e sociais, e registros) usadas na comunidade de fala a que pertence. Como a monotongação, em conformidade com o mecanismo da mudança sonora postulado por Labov (2008 [1972], p. 210), constitui um *indicador*: fenômeno fonológico cuja variação, no português falado no Brasil, dá-se abaixo da consciência social, afetando todos os itens numa dada classe de palavras (substantivos, por exemplo) e não apresentando nenhum padrão de variação estilística na fala daqueles que a usam, o alfabetizando, acreditando que a escrita é um reflexo da fala (o aluno, quando chega à escola, já domina, competentemente, as variantes linguísticas faladas em seu domínio familiar, pois a aquisição da fala se dá de forma espontânea e compulsória) transfere, com frequência, os itens monotongados, internalizados na memória (cf. HAUPT, 2011), para suas produções textuais escritas⁶.

Tendo em vista que, da perspectiva estritamente linguística, a escrita monotongada não constitui “erro”, mas a representação de um fenômeno linguístico em variação na fala, esta proposta, embasada em uma pedagogia da variação linguística, pretende auxiliar o professor na mediação do processo de automonitoramento do aluno, no que diz respeito à distinção entre escrita e fala dos usuários de uma dada língua. De posse dos resultados desta pesquisa, os professores poderão melhor orientar os alunos em relação aos ambientes fonológicos mais favoráveis à incidência da monotongação, na modalidade escrita da língua portuguesa, pois o aluno, na medida em que permanece, em sala de aula, apenas três ou quatro horas, dificilmente perceberá [perderá] os condicionamentos motores adquiridos no ambiente familiar, a não ser que se trabalhe conscientemente para tal (SCLIAR-CABRAL, 2003, p. 29).

A teoria da variação e mudança linguística

Como pressuposto teórico-metodológico, adotamos a teoria da variação e mudança linguística, à luz da Sociolinguística Variacionista proposta por William Labov, que consiste na análise e descrição da

⁶ Estudos realizados por Mollica (1998) constataram o reflexo do processo de monotongação dos ditongos decrescentes orais /ey/ e /ow/ na produção textual escrita de alunos do primeiro e segundo ciclos da alfabetização.

variação das estruturas básicas de funcionamento da língua. A variação linguística é a alternância entre dois ou mais elementos linguísticos, ou seja, são duas ou mais formas de se dizer a mesma coisa, em um mesmo contexto, com o mesmo valor de verdade (TARALLO, 1985; GUY; ZILLES, 2007). Motivada por um conjunto complexo de parâmetros, por condicionamentos ou variáveis que favorecem ou inibem o emprego de variantes (LABOV, 2008 [1972]), a variação constitui um fenômeno sistemático, organizado e explicado no próprio processo evolutivo da língua (BORTONI-RICARDO, 2004).

A variação linguística ocorre de modo estruturado, em todos os níveis da língua: fonético-fonológico, morfofonológico, morfológico, sintático, semântico, lexical e estilístico-pragmático. Os fatores que condicionam tais variações são de ordem interna (estrutural) e de ordem externa (social). Os internos são inerentes ao sistema linguístico, como, por exemplo, a tonicidade da sílaba, a classe de palavra e o contexto anterior ou posterior a um sintagma ou a um segmento (tipo de consoante ou vogal). Os fatores externos, por sua vez, podem ser diatópicos (linguagem rural, linguagem urbana), diastráticos (idade, escolaridade, classe social, profissão, posição social, sexo do falante), estilísticos (situações de maior ou menor grau de formalidade) e diamésicos (comparação entre a língua falada (mais redundante) e a língua escrita (mais planejada)).

Na realização de um trabalho de investigação sobre variação linguística, os sociolinguistas geralmente controlam um conjunto de fatores sociais que podem auxiliar na identificação dos fenômenos de variação. Segundo Bagno (2007), os que têm se revelado mais interessantes são: origem geográfica, idade, escolaridade, classe social, profissão e posição social do falante. Quanto à origem geográfica, a língua varia de um lugar para outro, portanto pode-se investigar, por exemplo, a fala característica das diferentes regiões brasileiras, dos diferentes estados, de diferentes áreas geográficas dentro de um mesmo estado, bem como a origem rural ou urbana do falante.

Em relação ao status socioeconômico, observa-se que as pessoas que têm um nível de renda mais baixo não falam do mesmo modo das que têm um nível de renda médio ou muito alto. Quanto à idade, os adolescentes não falam do mesmo modo que seus pais falam, nem estes falam do mesmo modo que as pessoas das gerações anteriores.

Em relação à escolaridade, percebe-se que o acesso maior ou menor à educação formal, à prática de leitura e às práticas sociais de uso da escrita é um fator relevante na configuração dos usos linguísticos dos diferentes indivíduos. Quanto ao sexo, estudos sociolinguísticos evidenciam que homens e mulheres fazem usos diferenciados dos recursos que a língua oferece. Em relação à profissão, nota-se que o vínculo do falante com determinadas profissões incide em seus usos linguísticos, pois um médico, por exemplo, não usa os mesmos recursos linguísticos de um pedreiro ou de um vendedor ambulante, nem estes os mesmos de um advogado.

Considerando-se que a variação faz parte da natureza da linguagem e que resulta da diversidade de grupos sociais e da relação que estes grupos mantêm com as normas linguísticas, a heterogeneidade linguística, dentro de um vasto e diversificado país como o Brasil, é natural e inevitável (LEMLE, 1978).

A mudança linguística, por sua vez, ocorre porque a língua é intrinsecamente heterogênea, múltipla, variável, instável e está sempre em desconstrução e em reconstrução. Ao contrário de um produto pronto e acabado, a língua é um processo, um fazer-se permanente e nunca concluído, uma atividade social, um trabalho coletivo, empreendido por todos os falantes, por meio da fala ou da escrita (BAGNO, 2007). Nessa perspectiva, “a mudança linguística é um fato inevitável, e aqueles que tentam planejar o futuro de uma língua perdem o tempo em acreditar que podem fazê-lo” (CRYSTAL, 1987, p. 4-5)⁷.

Resultante da interação entre fatores internos e externos à língua, a mudança não pode ser entendida fora da vida social de uma comunidade de fala porque são os seres humanos, que vivem em sociedades complexas, hierarquizadas, heterogêneas, instáveis e sujeitas a conflitos e transformações, que mudam a língua (LABOV, 2008 [1972]). São os falantes que, imperceptivelmente, inconscientemente, alteram as regras de funcionamento da língua, tornando-a mais adequada às exigências de processamento mental, de comunicação e interação social. Sendo assim, é impossível estudar a língua sem estudar, simultaneamente, a sociedade em que essa língua está inserida. Como língua e sociedade estão indissoluvelmente entrelaçadas, entremeadas, uma influenciando a outra, uma construindo a outra, o objetivo da

⁷ “The linguistic change is an inevitable fact, and those who try to plan for the future of a language lose the time into believing that they can do it” (CRYSTAL, 1987, p. 4-5).

Sociolinguística Variacionista é relacionar a heterogeneidade linguística com a heterogeneidade social (BAGNO, 2007).

A explicação da mudança linguística envolve três problemas distintos: a origem das variações linguísticas; a difusão e propagação das mudanças linguísticas; e a regularidade da mudança linguística. As variações linguísticas podem ser induzidas pelos processos de assimilação ou dissimilação, por analogia, empréstimo, fusão, contaminação, variação aleatória ou quaisquer outros processos em que o sistema linguístico interaja com as características fisiológicas ou psicológicas do indivíduo. A maioria dessas variações ocorre somente uma vez e se extingue tão rapidamente quanto surge. Algumas, entretanto, são recorrentes e podem ser imitadas mais ou menos extensamente, e podem se difundir a ponto de novas formas entrarem em contraste com formas mais antigas em um amplo espectro de usos. Quando uma ou outra forma triunfa, alcança-se, por conseguinte, a regularidade da mudança linguística (LABOV, 2008 [1972], p. 19-20).

O processo de monotongação e a variação linguística

O processo de monotongação, que consiste em uma redução do ditongo à vogal simples ou pura, por um processo de assimilação completa, existe desde a passagem do latim clássico ao vulgar e mantém-se nas línguas românicas. Como não sofre nenhuma avaliação que o estigmatize, nem representa um "erro", pois não apresenta alteração no sentido da palavra, o apagamento das semivogais [ɪ] e [ʊ] é bastante produtivo no português brasileiro oral (HORA, 2007). Segundo Aragão (2000), trata-se de uma variante diastrática (social) e não diatópica (regional) porque pesquisas sociolinguísticas constatarem a ocorrência desse fenômeno em todas as regiões brasileiras.

Câmara Jr. (1979) considera a monotongação um fenômeno puramente fonético, porque o ditongo, embora seja monotongado na fala, permanece na grafia formal, razão que nos motivou à realização da pesquisa na fase inicial da escrita.

Mudança fonética que consiste na passagem de um ditongo a uma vogal simples. Para pôr em relevo o fenômeno da monotongação, chama-se, muitas vezes, monotongo à vogal simples resultante, principalmente quando a grafia continua a indicar o ditongo e ele

ainda se realiza numa linguagem mais cuidadosa. Entre nós há, nesse sentido, o monotongo /ô/, em qualquer caso, e os monotongos /a/ e /ê/ diante de uma consoante chiante: (c)caixa, como acha, (d)deixa, como fecha (CÂMARA Jr., 1979, p. 170).

De acordo com Collischonn (1999), somente os ditongos leves, que são formados ainda no nível lexical, podem sofrer monotongação. Esses ditongos são ligados a um único elemento V e ocupam apenas uma unidade de duração, ocorrendo a divisão melódica somente no nível da raiz.

Para Hora (2007), o processo de monotongação tem sua ocorrência condicionada, principalmente, pelo contexto fonológico seguinte, portanto os ditongos [aɪ] e [eɪ] monotongam mais frequentemente diante de fricativas alveolopalatais [ʃ], [ʒ] e tepe [ɾ] (cf. LOPES, 2002; PEREIRA, 2004; BAGNO, 2012). Na mesma direção, Bisol (1994) descreve que, nos contextos [ʃ, ʒ], os ditongos [aɪ] e [eɪ] possuem apenas uma vogal na forma subjacente, portanto a presença ou a ausência do *glide* em [veɪʃamɪ] e [ˈkaʃə], por exemplo, deve-se à presença da consoante palatal. Esse fato decorre de um processo assimilatório que ocorre no *tier* melódico, em que o traço alto da consoante [ʃ] é compartilhado por dois segmentos vizinhos.

No ambiente de tepe [ɾ], por sua vez, por alternar livremente com a vogal simples e por não implicar mudança de sentido, como em [caˈdeɪrə ~ caˈderə] e [priˈmeɪrɐ ~ priˈmerɐ], a estrutura [eɪ] é considerada pela autora um ditongo leve, que, portanto, quando seguido de líquida não lateral, não existe na estrutura profunda. Para defender esse ponto de vista, a autora parte da existência de pares /a, ey/ – primário, primeiro – em que há uma relação de metátese, de modo que a vogal /a/ alterna com /ey/ na derivação; e do pressuposto de que as consoantes *líquidas* /l, ʎ/ formam com as vogais, considerando-se a escala de sonoridade, a classe que possui o traço vocálico, e de que existe entre a vogal e a consoante líquida /l/, considerando-se a organização de traços binários, um vazio que pode ser preenchido por um *glide*.

O ditongo [ou], no entanto, pode sofrer monotongação em qualquer contexto fonético (cf. LOPES, 2002; COSTA, 2003; BAGNO, 2012). Ao correlacionar as variáveis linguísticas (i) ponto e modo de articulação do segmento seguinte ao ditongo, (ii) extensão da palavra,

(iii) tonicidade da sílaba em que o ditongo ocorre e (iv) estruturação interna da palavra (incidência do ditongo no radical ou no sufixo do vocábulo), os estudos de Paiva (1996) evidenciam que o apagamento de [ʊ] ocorre independentemente de qualquer restrição, tendo por motivação somente a estrutura inteira do ditongo. Para a autora, a natureza fonética da vogal-base é o único fator que atua positivamente na supressão de ambas as semivogais.

Nos estudos de Cabreira (1996), Silva (2004) e Hora (2007), o ditongo [aɪ] é o mais resistente à monotongação; o ditongo [eɪ] é menos restritivo que [aɪ], porém, menos monotongado que [ou̯]. Para Silva (2004), a monotongação de [ou̯], uma vez que ocorre em qualquer contexto, independentemente das variáveis linguísticas e/ou sociais, pode ser considerada um estado de mudança praticamente consumada.

Metodologia e resultados

Para o estudo dos fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionam a recorrência do processo de apagamento das semivogais /y/ e /w/ dos ditongos decrescentes orais /ay/, /ey/ e /ow/, respectivamente, na produção textual escrita dos sujeitos-informantes da pesquisa, adotamos, como *corpus* de análise, cinquenta textos escritos por alunos dos três últimos anos (3º, 4º e 5º) da primeira etapa do Ensino Fundamental de uma escola pública urbana do município de Itabaiana – SE. Os textos foram coletados em três oficinas de alfabetização e letramento. Em cada oficina, que teve duração de 03 horas/aula, lemos e contextualizamos, com os alunos de cada ano, a obra infantil “Uxa, ora fada, ora bruxa”⁸ (Nova Fronteira, 1985), de Sylvia Orthof, cujo enredo é constituído de inúmeros vocábulos que apresentam ocorrências dos referidos ditongos decrescentes. Após a leitura e contextualização, cada aluno escreveu um pequeno conto da referida obra, dando ênfase às características das personagens e aos fatos (acontecimentos) que consideraram mais interessantes.

Foram analisadas **232 ocorrências** de ditongos decrescentes orais /ay/, /ey/ e /ow/, em que identificamos: a) **/ay/:** **1 monotongo**; b) **/ey/:** **14 monotongos**; e c) **/ow/:** **58 monotongos**. Tais

8 Capa da obra em **Anexo**.

ocorrências foram submetidas à análise estatística do programa GoldVarb X (SANKOFF et al, 2005), a fim de verificar a frequência relativa da variante dependente controlada no corpus: presença/apagamento dos ditongos em questão; bem como os pesos relativos dos grupos de fatores controlados na amostra: o efeito de cada fator sobre o uso da variante investigada.

Controlamos, na amostra, três variáveis independentes de natureza linguística e três de natureza extralinguística, conforme tabelas abaixo:

Tabela 1: Relação das variáveis independentes controladas

Variáveis extralinguísticas	Variáveis linguísticas
1. Faixa etária A: (8 – 9 anos) B: (9 – 11 anos) C: (10 – 12 anos)	1. Classes de palavras Verbo Não verbo
2. Sexo Masculino Feminino	2. Tonicidade da sílaba Tônica Átona
3. Escolaridade Ensino fundamental I – (3º ao 5º ano)	3. Contextos fonológicos posteriores Consoantes e vogais

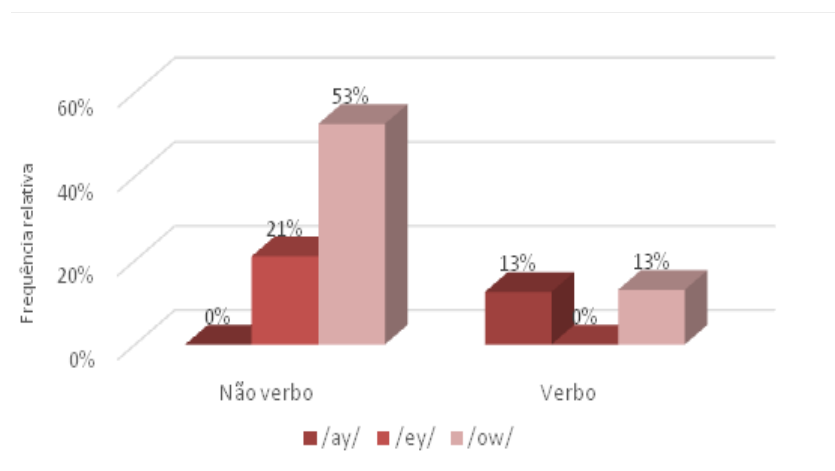
Tabela 2: Distribuição dos informantes de acordo com as variáveis sociais controladas

Localidade geográfica	Sexo	Faixa etária		Escolaridade (3º, 4º e 5º anos)	Nº I
Zona Urbana	Feminino	A	(8 – 9 anos)	3º	10
		B	(9 – 11 anos)	4º	8
		C	(10 – 12 anos)	5º	7
	Masculino	A	(8 – 9 anos)	3º	8
		B	(9 – 11 anos)	4º	8
		C	(10 – 12 anos)	5º	9

Na análise das variáveis independentes de natureza linguística, controlamos:

a) *classes de palavras*- classificamos as palavras em: **verbo** e **não verbo** (substantivos, adjetivos, advérbios, etc.), para observarmos o condicionamento da variável independente “classes de palavras” à variável dependente: presença/apagamento das semivogais dos ditongos em questão, na modalidade escrita.

Gráfico 01 – Frequência de uso do apagamento das semivogais /y/ e /w/ dos ditongos /ay/, /ey/ e /ow/, para a variável classe de palavras



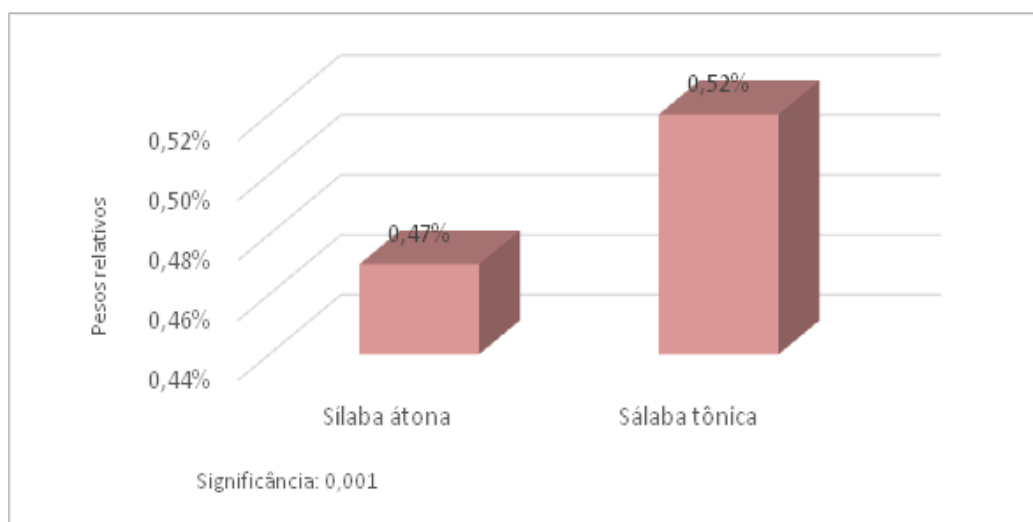
Na amostra estudada, foram encontradas, na classe de palavra “não verbo”, quatorze ocorrências de apagamento da semivogal /y/ do ditongo /ey/, que correspondem a 21% do total; cinquenta ocorrências de apagamento da semivogal /w/ do ditongo /ow/, que correspondem a 52,5%; e nenhuma ocorrência de apagamento da semivogal /y/ do ditongo /ay/. Na classe “verbo”, entretanto, foram encontradas oito ocorrências de apagamento da semivogal /w/ do ditongo /ow/, que correspondem a 13% do total; e uma ocorrência de apagamento da semivogal do ditongo /ay/, que corresponde a 12,5%.

Observando a motivação desta variável independente em relação à variável dependente, constatamos que o fator “não verbo” condiciona, significativamente, o apagamento dos ditongos em questão, no uso da modalidade escrita da língua, porque o percentual de apagamento das semivogais /y/ e /w/ dos ditongos /ey/ e /ow/, em palavras não-verbo (sobretudo em substantivos), foi maior do que em verbos. Desse modo, há maior probabilidade de apagamento dos ditongos /ey/ e /ow/ em substantivos, adjetivos e advérbios (peso relativo: .59) do que em verbos (peso relativo: .42). Este fato está relacionado, possivelmente, ao percentual pouco significativo de apagamento do ditongo /ow/ da forma verbal da 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo, como: *pag/ou/*, *calç/ou/*, *vir/ou/*, *pens/ou/*; e do ditongo da forma verbal da 1ª pessoa do presente do indicativo do verbo *ir*: *eu v/ou/*, formas essas que conjecturávamos favoráveis à alta frequência de

monotongação na escrita.

b) tonicidade da sílaba- observando a motivação desta variável independente em relação à variável dependente, verificamos que a variável “tonicidade da sílaba” não condiciona a presença/apagamento dos ditongos em estudo, no uso da modalidade escrita da língua, pois os fatores controlados, *sílaba átona* e *sílaba tônica*, apresentaram pesos relativos (.47 e .52, respectivamente) muito próximos do ponto neutro⁹: .50.

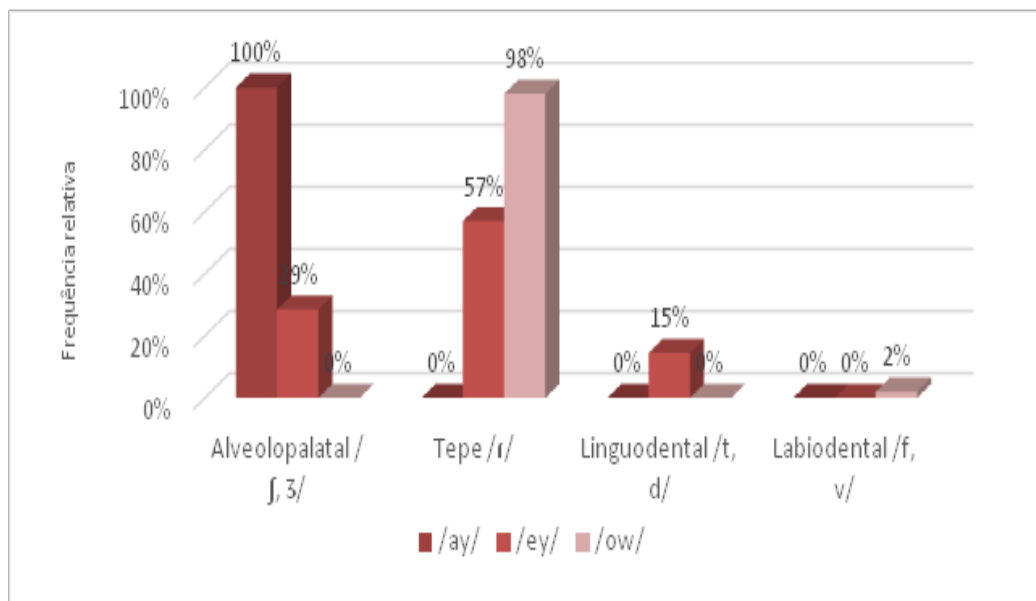
Gráfico 02 – Efeito da variável tonicidade da sílaba sobre a variável presença/apagamento das semivogais /y/ e /w/ dos ditongos /ay/, /ey/ e /ow/



c) contexto fonológico posterior- observando a motivação desta variável independente em relação à variável dependente, constatamos que a variável “contexto fonológico posterior” condiciona, significativamente, a presença/apagamento dos ditongos em questão, no uso da modalidade escrita da língua.

9 “Peso relativo que não produz nenhum desvio no uso da variante investigada em comparação com o nível geral indicado pelo input” (GUY; ZILLES, 2007, p. 239).

Gráfico 03 – Frequência de uso do apagamento das semivogais /y/ e /w/ dos ditongos /ay/, /ey/ e /ow/, considerando-se o contexto posterior



Na análise deste gráfico, foram controlados os contextos posteriores: alveolopalatais /j, ʒ/, bilabiais /p, b, m/, velares /k, g/, labiodentais /f, v/, alveolares /l, n/, tepe /r/ e vogal, entretanto, na amostra estudada, foram encontradas ocorrências somente em contexto alveolopalatal /j/, linguodental /t/, labiodental /v/ e tepe /r/.

Em contexto alveolopalatal, encontramos uma ocorrência de apagamento da semivogal /y/ do ditongo /ay/, que corresponde a 100% do total de ocorrências. Embora o total de ocorrências de apagamento desta semivogal, em nossa amostra, seja pequeno, o resultado alcançado evidencia que o segmento consonantal alveolopalatal /j/ é o contexto fonológico posterior de maior motivação de apagamento da referida semivogal, na modalidade escrita da língua.

Também encontramos, em contexto alveolopalatal, quatro ocorrências de apagamento da semivogal /y/ do ditongo /ey/, que correspondem a 28,5% do total de quatorze ocorrências. Em contexto linguodental, encontramos duas ocorrências de apagamento da referida semivogal, que correspondem a 14,5%. Em tepe, por sua vez, encontramos oito ocorrências, que correspondem a 57%. Este fato evidencia que o tepe é o contexto fonológico posterior de maior motivação de apagamento da semivogal do ditongo /ey/, na modalidade escrita da língua, e que o contexto alveolopalatal é o segundo maior

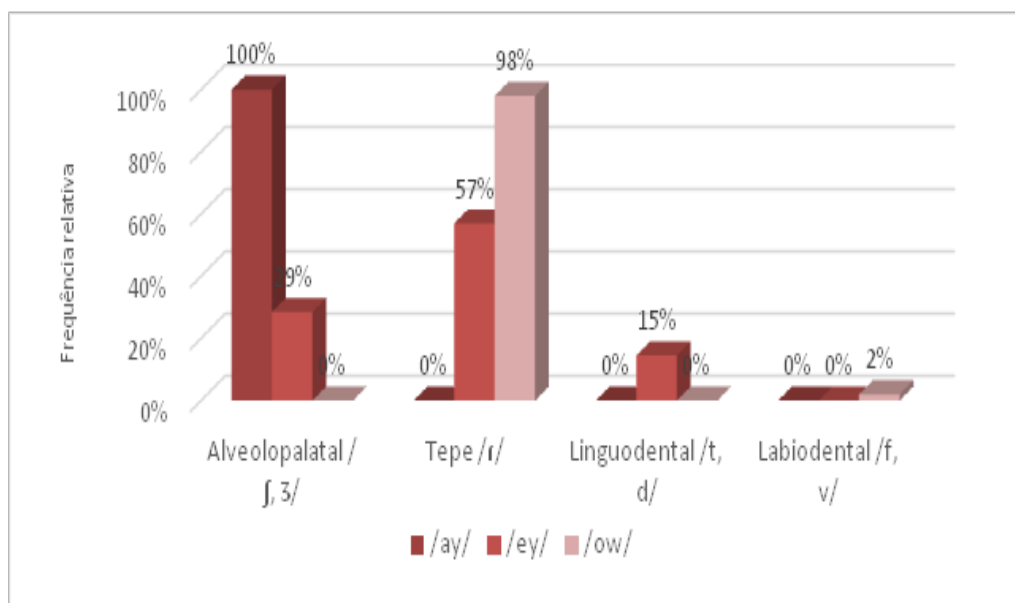
motivador. Essa constatação corrobora os estudos de Bisol (1994), que defendem o pressuposto de que, diante de palatal ou vibrante simples, o ditongo consagrado pela escrita possui, em muitos vocábulos, apenas uma vogal na forma subjacente.

Em contexto labiodental, encontramos uma ocorrência de apagamento da semivogal /w/ do ditongo /ow/, que corresponde a 2% do total de cinquenta ocorrências. Em tepe, por sua vez, encontramos quarenta e nove ocorrências, que correspondem a 98% do total. Este fato evidencia que o tepe é o contexto fonológico posterior de maior motivação de apagamento da referida semivogal, na modalidade escrita da língua.

Na análise das variáveis independentes de natureza extralinguística, controlamos:

a) *faixa etária e escolaridade*- os resultados alcançados referentes à idade e escolaridade dos informantes demonstram que tais variáveis condicionam a presença/apagamento das semivogais dos ditongos em questão, na modalidade escrita da língua.

Gráfico 03 – Frequência de uso do apagamento das semivogais /y/ e /w/ dos ditongos /ay/, /ey/ e /ow/, considerando-se faixa etária e escolaridade dos informantes



Observando o percentual de apagamento da semivogal do ditongo /ay/, considerando a faixa etária e a escolaridade dos

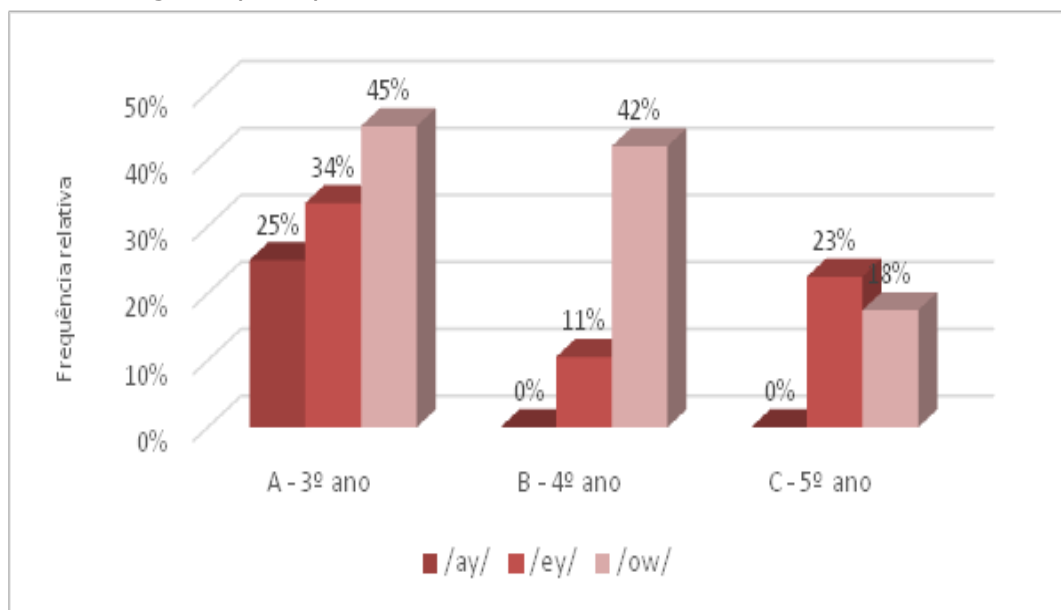
informantes, constatamos que os alunos de faixa etária A (8 a 9 anos) e com escolaridade correspondente ao 3º ano apagam mais a semivogal /y/ do que os de faixa etária B (9 a 10 anos) e C (10 a 12 anos), com escolaridade correspondente ao 4º e 5º anos respectivamente, pois, enquanto os alunos mais velhos apagaram 0% do total de ocorrências, os mais novos apagaram 25%.

Quanto à semivogal do ditongo /ey/, verificamos que os alunos de faixa etária A (8 a 9 anos) e com escolaridade correspondente ao 4º ano apagam mais a semivogal /y/ do que os de faixa etária C (10 a 12 anos) com escolaridade correspondente ao 5º ano, porque, enquanto os alunos mais novos apagaram 33,5%, os mais velhos apagaram 22,5% do total de ocorrências. Entretanto, convém ressaltar que os alunos do 5º ano apagaram mais a semivogal /y/ do que os do 4º ano. Esse fato está relacionado, provavelmente, ao fator extralinguístico “repetência”, porque nossas pesquisas também demonstram que alunos repetentes apresentam maior dificuldade de inserção das semivogais dos referidos ditongos, na modalidade escrita da língua, do que os não repetentes, aqueles cuja idade é compatível com o nível de escolaridade.

Em relação à semivogal do ditongo /ow/, averiguamos, também, que os alunos de faixa etária C (10 a 12 anos) e com escolaridade correspondente ao 5º ano apagam menos a semivogal /w/ do que os de faixa etária A (8 a 9) e B (9 a 10) com escolaridade correspondente ao 3º e 4º anos, pois, enquanto os alunos mais velhos apagaram 17,5% do total de ocorrências, os mais novos apagaram, respectivamente, 45% e 42% do total. Essas evidências corroboram os estudos de Mollica (1998), que demonstram que o apagamento das semivogais dos referidos ditongos é reduzido, na modalidade escrita, com o avanço simultâneo da idade e escolaridade: quanto maior a escolaridade do sujeito, menor uso da escrita monotongada ele faz. Tais evidências justificam-se pela maturidade cognitiva do educando frente às arbitrariedades do código escrito formal da língua.

b) sexo- os resultados alcançados, considerando-se a variável sexo (masculino e feminino) dos informantes, evidenciam que o “sexo” não condiciona a presença/apagamento das semivogais dos ditongos em questão, na modalidade escrita.

Gráfico 04 – Frequência de uso do apagamento das semivogais /y/ e /w/ dos ditongos /ay/, /ey/ e /ow/, considerando-se o sexo dos informantes



Observando a motivação desta variável em relação à variável dependente, verificamos, na amostra, que o sexo masculino apresentou percentuais de apagamento dos ditongos /ey/ e /ow/ equivalentes aos do sexo feminino, portanto esta variável não condiciona o apagamento dos ditongos em estudo. Esta evidência contradiz nossa hipótese e os estudos realizados por Mollica (1998), que demonstram que as meninas, que são mais sensíveis ao uso de formas linguísticas padrão, apresentam menor percentual de apagamento dos ditongos /ay/, /ey/ e /ow/ em relação aos meninos, que são mais sensíveis ao uso de formas linguísticas não padrão.

Esta constatação pode estar relacionada ao fato de a presença/apagamento dos ditongos em estudo ser, na modalidade oral, em conformidade com o mecanismo da mudança sonora postulado por Labov (2008 [1972]), um indicador: uma variável que se dá abaixo do nível da consciência dos falantes, não apresentando, portanto, nenhum padrão de variação estilística na fala daqueles que a usam. Como a variação ocorre abaixo da consciência, meninos e meninas apresentam probabilidades equivalentes de representação do processo de monotongação na escrita.

Conclusão

Os resultados alcançados evidenciam que a variável dependente

controlada: presença/apagamento das semivogais /y/ e /w/ dos ditongos orais decrescentes /ay/, /ey/ e /ow/, na modalidade escrita da língua, é condicionada pelos fatores independentes de natureza extralinguística (diastráticos): faixa etária e escolaridade, bem como pelos fatores independentes de natureza linguística (internos): contexto fonológico posterior (tipo de consoante) e classes de palavras (não verbo).

Em relação à variável independente de natureza linguística contexto fonológico posterior, constatamos que o maior índice de apagamento do ditongo /ow/, na modalidade escrita, ocorre em ambiente fonológico seguido de tepe /r/, como em: /loura ~ lora/, /cenoura ~ cenora/, e /vassoura ~ vassora/. Em relação à variável classe de palavras, averiguamos que o maior percentual de apagamento de /ow/ ocorre em palavras não verbos, sobretudo em substantivos. O maior percentual de apagamento de /ey/, entretanto, ocorre em ambientes seguidos de consoantes fricativas alveolopalatais, vozeada /ʃ/ e desvozeada /ʒ/, como em beijo ~ bejo; e de tepe ou vibrante simples, como em /dinheiro ~ dinhero/; e em palavras não verbos. O maior percentual de apagamento de /ay/, por sua vez, ocorre em contextos seguidos de consoantes alveolopalatais /ʃ, ʒ/, como em /apaixonou ~ apaxonou/.

Quanto às variáveis independentes de natureza extralinguística, verificamos que, quanto menor a faixa etária e o nível de escolaridade, maior é o percentual de apagamento dos ditongos em estudo, na modalidade escrita. Desse modo, evidencia-se que a inserção (presença) das semivogais ocorre, gradativamente, com o avanço simultâneo da idade e da escolarização, pois depende, necessariamente, da compreensão e assimilação das diferenças existentes entre fala e escrita, e, conseqüentemente, do contato constante do aprendiz com as práticas de leitura e com as práticas sociais de uso da escrita.

Tendo em vista que, neste trabalho, avançamos em direção à escrita de crianças da primeira etapa do ensino fundamental, delimitando os fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionam o processo de apagamento das semivogais dos ditongos /ay/, /ey/ e /ow/, na modalidade escrita da língua, esperamos que os resultados alcançados na amostra estudada possam conscientizar os professores quanto ao conjunto de parâmetros que favorecem ou inibem o reflexo de tal fenômeno na escrita, para que possam melhor orientar os alunos

em relação aos ambientes fonológicos mais favoráveis à incidência de monotongação, pois conhecer os usos linguísticos (adequações e inadequações) e desenvolvê-los de modo sistemático constituem as pré-condições fundamentais à aprendizagem e ao desenvolvimento pleno da língua escrita.

Entretanto, convém ressaltar que, para descrever, de modo promissor, os fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionam o processo de apagamento das semivogais /y/ e /w/ dos ditongos em questão, na modalidade escrita, é necessário que pesquisas futuras contemplem, além de um *corpus* mais amplo (Ensino Fundamental maior e até Ensino Médio), outros campos de análise, como: aprofundar a metodologia aplicada na análise da escrita, podendo (ou não) estabelecer relações entre a que adotamos e a que costuma ser adotada em livros didáticos, por exemplo; ampliar a quantidade de escolas abordadas no município, como também estender (a amostra) a âmbito mais regional/nacional – até mesmo como estudo comparativo. Também poderão correlacionar os resultados alcançados nesta pesquisa ao desempenho dos alunos das referidas escolas em exames oficiais de avaliação e diagnóstico, tais como a Provinha Brasil e a Prova Brasil. Por fim, poderão analisar, por exemplo, a presença (ou não) do fenômeno em questões discursivas do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM).

REFERÊNCIAS

ARAGÃO, M. S. S. Ditongação x Monotongação no falar de Fortaleza. **Graphos**. João Pessoa, p. 109-122, dez. 2000.

ARAÚJO, M. F. R. de. Considerações sobre a monotongação do ditongo decrescente [ɛy] no dialeto de Caxias (MA). **Revista Letras**, PUC-Campinas, v. 19, n. 1/2, p. 121-137, dez. 2000.

BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

_____. **A língua de Eulália**: novela sociolinguística. 17. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

BISOL, L. Ditongos derivados. **DELTA**, v. 10, n. Especial, p.123-140, 1994.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula.** São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

CABREIRA, S. H. **A monotongação dos ditongos orais decrescentes em Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre.** 1996. 115 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1996.

CÂMARA JR., J. M. **História e estrutura da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Padrão, 1979.

COLLISCHONN, G. A sílaba em português. In: BISOL, L. (org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999. p. 91-124.

COSTA, C. F. **Fonologia lexical e controvérsia neogramática: análise das regras de monotongação de /ow/ e vocalização de /l/ no PB.** 2003. 129 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

CRISTOFOLINI, C. Estudo da monotongação de [ow] no falar florianopolitano: perspectiva acústica e sociolinguística. **Revista da ABRALIN**, v.10, n.1, p. 205-229, jan. /jun. 2011.

CRYSTAL, D. **A first dictionary of linguistics and phonetics.** London: André Deutsch, 1980.

_____. **The Cambridge Encyclopedia of Language.** Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

GUY, G. R.; ZILLES, A. **Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise.** São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HARTMANN, R. R. K.; STORK, F. C. **Dictionary of language and linguistics.** London: Applied Science Publishers, 1976.

HAUPT, C. Contribuições da fonologia de uso e da teoria dos exemplares

para o estudo da monotongação. **Rev. Est. Ling.**, Belo Horizonte, v. 19, n. 1, p.167-189, jun. 2011. Disponível em: <<http://periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/download/2557/2509>>. Acesso em: 06 fev. 2014.

HORA, D. da. A monotongação na produção escrita: reflexo da fala. In: X SIMPOSIO INTERNACIONAL DE COMUNICACIÓN SOCIAL, 1, 2007, Santiago de Cuba. **ACTAS I del X Simposio Internacional de Comunicación Social**. Santiago de Cuba: Centro de Linguística Aplicada, v. 1, p. 127-131, 2007. Disponível em: < <http://www.santiago.cu/hosting/linguistica/actas.php?Simposios=X&Actas=1>>. Acesso em: 12 jun. 2014.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LEMLE, M. Heterogeneidade dialetal: um apelo à pesquisa. **Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, v.53, n.4, p. 60-94, abr./set. 1978.

LOPES, R. **A realização variável dos ditongos /ow/ e /ej/ no português falado em Altamira/PA**. 2002. 97 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Pará, Belém, 2002.

MENEZHINI, F. M. **O fenômeno da Monotongação em Ibiacá**. 1983. 87 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1983.

MOLLICA, M. C. **Influência da fala na alfabetização**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998.

PAIVA, M. C. A. Supressão das semivogais nos ditongos decrescentes. In: OLIVEIRA e SILVA, G. M.; SHERRE, M. M. D. (orgs.). **Padrões Sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 217-236.

PEREIRA, G. **Monotongação dos ditongos [aj], [ej], [ow] no português falado em Tubarão (SC):** estudo de casos. 2004. 134 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Curso de Mestrado em Ciências da Linguagem, Unisul, Tubarão, 2004.

PRETI, D. **Sociolinguística:** os níveis da fala – um estudo sociolinguístico do diálogo na literatura brasileira. 7. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S.; SMITH, E. **GoldVarb X** – a multivariate analysis application. 2005. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics. Disponível em: <<http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.html>>. Acesso em: 02 abr. 2014.

SCLIAR-CABRAL, L. **Princípios do sistema alfabético do português do Brasil.** São Paulo: Contexto, 2003.

SEARA, I. C. **Fonética e Fonologia do Português Brasileiro.** Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2008.

SILVA, F. S. O processo de monotongação em João Pessoa. In: HORA, D. da. **Estudos Sociolinguísticos:** perfil de uma comunidade. João Pessoa: CNPq/ILAPEC/VALB, 2004. p. 29-44.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística.** São Paulo: Ática, 1985.

TRASK, R. L. **A Dictionary of phonetics and phonology.** London: Taylor & Francis Routledge, 1996.

ANEXO

Capa do livro “Uxa, ora fada, ora bruxa” (Nova Fronteira, 1985), de Sylvia Orthof



Recebido em: 03 de mar. de 2015.
Aceito em: 06 de out. de 2015.